

SILVA, Carlos Guardado da, coord.

*Os santos e a identidade local – vidas, hagiografias e cultos*

Lisboa: Edições Colibri; Câmara Municipal de Torres Vedras;  
Centro de Estudos Clássicos, Universidade de Lisboa, 2023. 165 p. ISBN 978-989-566-286-9

PAULA ALMEIDA MENDES

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2025.18094>

Universidade do Porto, Centro de Investigação Transdisciplinar  
Cultura, Espaço e Memória, Portugal

 <https://orcid.org/0000-0002-5748-6350>

A obra que aqui recenseamos reúne as contribuições apresentadas no âmbito do XXIV Encontro «Turres Veteras», que, sob múltiplos ângulos de abordagem, realçaram e debateram o papel exercido pelos santos na moldura da construção de identidades locais.

É bem sabido como o estabelecimento de uma relação entre os santos e os espaços geográficos configurou-se como uma dimensão fundamental da expansão do cristianismo e da cristalização de cultos e de devoções. Com efeito, como sublinhou Peter Brown, no seu estudo *The cult of the saints: its rise and function in Latin Christianity* (1981), as funções – taumaturgo, intercessor e patrono – que o santo vai assumindo, a partir dos séculos III-IV, vão ao encontro das necessidades de uma sociedade em transformação, numa moldura europeia que foi conhecendo profundas alterações de natureza geopolítica. Esse vínculo declina-se na toponímia, na consagração de igrejas, capelas ou ermidas, na produção hagiográfica ou no património artístico.

O volume é composto por treze estudos que equacionam a importância do culto de determinados santos – sobretudo mártires – no domínio da história local e da construção de identidades e que se plasma no enobrecimento destes espaços.

O estudo de Manuel Clemente, intitulado «São Pedro» (p. 9-12), realça a antiguidade do culto a este santo no território que é hoje Portugal, traduzido na consagração de igrejas e em manifestações artísticas, como a estatuária ou a azulejaria.

José Carlos Carvalho, em «S. Lucas e o seu culto em Portugal» (p. 13-22), propõe-se revisitar os testemunhos da presença deste santo na arte sacra portuguesa. O autor conclui que o autor do terceiro evangelho não tem uma visibilidade acentuada no domínio artístico, ao contrário do seu texto, que foi «vertido à saciedade na pintura, na estatuária, nas iluminuras, em vitrais, em esculturas, sobretudo naqueles temas que só ele relata no seu evangelho: a Anunciação a Maria (Lc 1,39), a visita de Maria à sua prima Isabel (1, 26), o nascimento de João Baptista e a imposição do respetivo nome (1, 14.57), a adoração dos pastores em Belém (2, 8), a circuncisão e a apresentação de Jesus no templo (2, 22), a cena de Emaús (24, 13), para além da figura universalmente conhecida do bom samaritano (10, 25-37) e da parábola do pai das misericórdias (Lc 15, 11-32)» (p. 17). No caso português, pese embora o facto de o culto polarizado em torno do evangelista não ter conhecido uma grande difusão, as representações de São Lucas alcançam uma clara expressão na estatuária, em que aquele é representado, tendo como atributos um touro e uma capa sacerdotal.

O estudo de Herculano Alves, intitulado «Anjos na Bíblia e no ambiente do povo bíblico» (p. 23-50), constitui um bem documentado trabalho sobre o vocabulário e a tipologia angélica, auscultando a sua presença na Sagrada Escritura.

As contribuições de Paulo Farmhouse Alberto, Rodrigo Furtado e André Simões tomam como objeto de atenção as figuras de alguns mártires, equacionando as hagiografias e outras fontes que autorizaram a sua difusão. O estudo «São Vicente e a versão breve BHL 6838» (p. 51-57) de Paulo Farmhouse Alberto destaca a significativa difusão que o culto polarizado em torno do diácono de Saragoça conheceu, logo após o seu martírio em Valência, sustentado, em larga medida, pelos relatos hagiográficos que foram emulando o seu alto exemplo. Retomando os estudos de Victor Saxer, Farmhouse procura determinar a relação entre dois desses textos: a cópia de Milão (BHL 8638) e a *Passio* «communis» (BHL 8631), concluindo que o manuscrito de Milão é uma versão abreviada da *Passio antiquior*, declinando a difusão significativa que esta teve. Rodrigo Furtado, em «Santa Susana: as origens do culto (com a tradução da *Passio sanctae Susannae* – BHL 7937) (p. 59-80), realça a ausência de testemunhos sobre a existência e a vida desta mártir: neste sentido, não deve causar estranheza o facto de a sua *Passio* se revestir de um carácter ficcional, na medida em que atesta a integração de vários *topoi* que foram sendo «institucionalizados» pela hagiografia. Em todo o caso, o autor do relato «está sobretudo preocupado com a fundação etiológica do local de culto», que surge em Itália, ainda antes do século V, «em duas casas, junto à Porta Salária, em frente ao fórum de Salústio, junto dos *Horti Sallustiani*» (p. 68). Rodrigo Furtado sublinha também que é possível que tenha sido apenas durante o pontificado de Leão III que «culto de Santa Susana foi transferido para o local onde ainda hoje se encontra a sua igreja» (p. 68) e que foi objeto de intervenções nos séculos XV e XVII. Por sua vez, André Simões chama a atenção para a complexidade de que se reveste o culto do mártir São Gião («São Gião / São Julião» (p. 81-90). Como sublinha o autor, o nome do santo é, efetivamente, uma parte do problema (p. 81) – como bem nos lembra, a *Bibliotheca Hagiographica Latina* regista doze santos que têm o nome latino *Iulianus* – que poderá condicionar uma rigorosa identificação da figura que, em Portugal, veio a ser objeto de uma devoção mais amplificada. André Simões realça a antiguidade do culto de São Julião de Antinoópolis, conhecido de modo popular como São Gião, na Península Ibérica, na medida em que remonta, pelo menos, ao século VII, e que se traduz nas «várias referências nos principais cartulários medievais e povoações com o seu nome» e igrejas e ermidas a ele dedicadas» (p. 84).

O culto de São Sebastião conheceu também uma muito significativa difusão na Península Ibérica. No seu estudo «São Sebastião, mártir de ontem e de hoje» (p. 91-100), André Simões destaca a hagiografia do mártir, que se filia na tradição das «paixões épicas», que muito contribuiu para a amplificação polarizada em seu torno. Em Portugal, o seu culto conheceu uma sólida cristalização, atestada, em larga medida, pela existência de relíquias.

Armando Norte e Beatriz Alves Caldeira abordam a temática relacionada com a canonização de Santo António. No seu estudo, intitulado «"Beatissimum Antonium in Cathalogo Sanctorum Conscriptit". A Canonização de Santo António, Doutor Evangélico» (p. 101-120), os autores salientam o interesse de Gregório IX na canonização do santo nascido em Lisboa, que «alertam de imediato para uma das principais consequências inerentes à centralização pontifícia do direito de reconhecimento das santidades: a instrumentalização da sua

---

consagração ao sabor das ambições políticas do papado, de que outro exemplo bem ilustrativo é o processo de Francisco de Assis, encerrado menos de dois anos após a morte do pai fundador da ordem franciscana» (p. 115).

Os quatro estudos seguintes – «São Gonçalo de Lagos: A “vita” e a hagiografia» (p. 121-127), «Fontes arquivísticas para a biografia de S. Gonçalo de Lagos: edição e reavaliação crítica» (p. 129-140), «Os milagres de São Gonçalo de Lagos. A apropriação por uma entidade política de uma identidade religiosa na construção de um feriado municipal» (p. 141-146) e «Caminhada de seis séculos: São Gonçalo – percorrendo a identidade» (p. 147-150) –, da autoria de Carlos Guardado da Silva, Susana Tavares Pedro, José António Martins e Vitória Maria Baltazar Antunes, respetivamente, revestem-se de um carácter complementar, na medida em que equacionam dimensões relacionadas com a construção da hagiografia deste beato, que pertenceu à Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, com a cristalização da sua *fama sanctitatis*, escorada nos milagres operados por sua intercessão, e com a visível presença do seu culto em Lagos e Torres Vedras.

O último trabalho, intitulado «S. João de Deus e a sua sigla: o enigma de “sus armas”» (p. 151-165) de Aires A. Nascimento recupera a problemática em torno da interpretação de uma «sigla, formada por três signos, que o próprio João de Deus designou por “mis armas”», com a qual assinava as cartas que enviava aos seus benfeitores (p. 152). Revisitando as várias e diversas interpretações que a sigla suscitou, o autor formula uma nova hipótese, defendendo que «João de Deus tem uma chancela: “Yoannes factos omnia omnibus” (1Cor. 9, 22): algum dia ele fixou o que tinha ouvido ler numa das epístolas de Paulo até o assumir como divisa, “mis armas”. O desenho da sigla que constituiu dizia tudo sem precisar de se deter a explicar o que assinalava, pois lhe bastava a acção que desenvolvia» (p. 164).

Os vários estudos reunidos neste volume, convocando um conjunto diversificado de casos, mostram como o culto dos santos, escorado na hagiografia, e no património artístico, se reveste de uma importância fundamental na moldura da história local e da construção de identidades territoriais, refletindo uma «sacralização» do território português que muito contribui para o seu enobrecimento na moldura do catolicismo. Deste modo, esta obra constitui um importante contributo para o conhecimento e revalorização do culto de vários santos em Portugal, através de uma abordagem interdisciplinar que permite compreender a relação entre a santidade e a história local.